

ATENÇÃO BÁSICA: CONSTRUINDO INTERFACES ENTRE SAÚDE E EDUCAÇÃO 2019

Coordenador: ROSEMARIE GARTNER TSCHIEDEL

Programa Saúde na Escola: Vivências no campo das Relações Étnico-raciais O presente trabalho tem por objetivo relatar a atividade de promoção ao respeito de identidades individuais e coletivas, no que diz respeito à diversidade de raça e etnia, que ocorreu em uma escola de educação básica da rede pública de Porto Alegre. Trata-se de uma experiência extensionista propiciada pela parceria entre a unidade básica de saúde Santa Cecília - HCPA e uma escola de educação infantil, ambas situadas no município de Porto Alegre, que se interligam a partir do Programa Saúde na Escola (PSE). Tal programa é uma política elaborada pelos Ministérios da Saúde e da Educação tendo como objetivo integrar saúde e educação no cuidado de crianças e adolescentes em idade escolar, possibilitando um diálogo transversal entre os campos da saúde e da educação. Participaram da atividade dois acadêmicos de Psicologia e uma residente de Enfermagem, e foi construída a partir das demandas trazidas pelas educadoras da escola, que estão em contato direto com as crianças, e através dos profissionais e suas possibilidades de contribuições. Desta forma, levantou-se a necessidade de trabalhar com as crianças uma oficina que permitisse a reflexão e educação no campo da temática das relações raciais, tendo como interesse o respeito às diferenças e o combate ao racismo. Como dispositivo da atividade pensamos na literatura infantil como uma ferramenta potente na formação de crianças na educação antirracista. Como nome da atividade intitulada Raça e Etnia, elegemos o livro infantil ?A cor de Coraline?, de autoria de Alexandre Rampazo, que, por sua vez, serviu como disparador de reflexões sobre o primado da coloração bege como sinônimo da ?cor da pele?. Pensando na importância da materialidade do tema trazido pelo livro, trouxemos como material para uso das crianças alguns lápis de tons de pele, para que elas pudessem visualizar aquilo que o livro referenciava. Posteriormente, como forma de elucidar o apreendido, os oficinairos sugeriram aos alunos a confecção de um retrato utilizando os lápis tons de pele como forma de expressão das diferentes raças e etnias que compõem a sociedade. Participaram da ação cerca de vinte crianças entre quatro e cinco anos de idade, além de duas educadoras das turmas de jardim A e B. Como resultados, cabe mencionar: a associação inevitável entre o bege e a pele; o engajamento da turma nas atividades e intervenções dos oficinairos; a ocorrência de um processo de aprendizagem e ajuda mútua entre os pares; a produção de reconhecimento étnico-racial e respeito às diferenças; e o diálogo parcial

com as educadoras sobre a devolutiva do vivido pelos oficineiros na prática. Entendemos que se construiu um espaço em que as crianças puderam identificar suas tonalidades de pele livre de aspectos discriminatórios o que, por sua vez, estimula as educadoras a intervirem em situações que denotam discriminação ou depreciação da identidade racial negra.